



**Representação de Hosni Mubarak na Folha de S. Paulo:  
Análise das Mudanças de Representatividade de 1981 a 2011<sup>1</sup>**

Ayoub AYOUB<sup>2</sup>

Mario Benedito SALES<sup>3</sup>

Marcia BOROSKI<sup>4</sup>

Paulo Henrique ARAUJO<sup>5</sup>

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

**RESUMO**

A sociedade está condicionada a ver a história sendo contada pela imprensa. Ao longo dos tempos, a credibilidade que a própria sociedade conferiu à imprensa foi motor para a disseminação do conceito de que a imprensa é um meio de contar a história. Entretanto, pesquisadores como Perseu Abramo verificaram que a produção jornalística é, na verdade, uma recriação da realidade. Durante este processo, ocorrem distorções e o produto final torna-se fruto de manipulação. O trabalho pretende analisar como foi feita a cobertura do governo de Hosni Mubarak pelo jornal Folha de S. Paulo e verificar, principalmente, se houve mudança de posicionamento político na representação do ex-presidente do Egito.

**PALAVRAS-CHAVE:** Egito; manipulação, imprensa;

A realidade que chega ao nosso conhecimento pode ser, e é, fabricada. Aquilo que está diretamente ao nosso redor pode ser percebido por meio dos sentidos. Entretanto, sobre aquilo que acontece distante, só tomamos conhecimento por mediação.

A imprensa foi única administradora desse papel por muitos anos. Hoje, com a difusão da Internet e de outros meios de comunicação, as informações são geradas simultaneamente em diversas origens.

Mesmo com tamanha quantidade e velocidade, ainda existe uma demanda de informações com credibilidade. E, apesar de ter passado por diversas crises, alguns meios de comunicação ainda possuem credibilidade jornalística.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

<sup>2</sup> Orientador do trabalho. Mestre em Ciências Sociais pela UEL e professor do curso de Jornalismo da UEL.

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Mestre em Educação pela UEL e professor do curso de Jornalismo da UEL.

<sup>4</sup> Estudante do curso de Jornalismo na Universidade Estadual de Londrina. Participa de pesquisa no projeto Observatório da imprensa.

<sup>5</sup> Estudante do curso de Jornalismo na Universidade Estadual de Londrina. Participa de pesquisa no projeto Observatório da imprensa Bolsista do CNPQ



Essa confiabilidade que a sociedade tem em determinados meios de comunicação é o que possibilita e dá sustentação à fabricação da realidade pela imprensa. Se for por meio da imprensa que a sociedade toma conhecimento de fatos de magnitude mundial, por exemplo, podemos aferir que a publicação conta para seus leitores o que acontece.

Todo filtro pode causar deformações na informação. Esse conceito é abordado por Perseu Abramo (2003) em sua pesquisa sobre padrões de manipulação da grande imprensa.

A grande imprensa, formadora de opinião e possuidora de uma tiragem, no caso do impresso, que atinge boa parte do território nacional é o objeto de Abramo por configurar padrões de comportamento em diferentes momentos.

Com os avanços tecnológicos, a velocidade passou a fazer parte do ambiente jornalístico. José Arbex Jr., que faz a apresentação do livro de Perseu Abramo, aponta um padrão de manipulação da imprensa que se apropria desta velocidade “(...) o que permite fabricar socialmente a amnésia, mediante a imposição da velocidade informativa” (2003, p.9).

Esta amnésia de que Arbex fala é a falta de consciência do todo que aflige a sociedade.

“Em síntese, se a “grande mídia” forma, hoje, uma espécie de Ministério orwelliano, encarregado de manipular as informações sobre a realidade, produzir amnésia e criar consensos, nós podemos, em contrapartida, confeccionar e uma Grande Enciclopédia das Manipulações, adotando os métodos e as recomendações feitas por Perseu Abramo e por Aloysio Biondi” (ABRAMO, 2003, p. 13)

A amnésia citada é produzida pela velocidade na qual, as informações são geradas e distribuídas aos espectadores. Os próprios avanços tecnológicos podem, e o fazem, atuar como instrumento de dominação. Quem tem mais poder político e econômico consegue mais avanços tecnológicos. As novas tecnologias permitem que a informação chegue mais rápidos a mais lugares, simultaneamente. Desta forma, os conglomerados midiáticos, que detém este poder, conseguem tecer uma rede de abrangência superior às das pequenas empresas jornalísticas.

A partir dos estudos de manipulação da mídia desenvolvidos por Perseu Abramo analisaremos reportagens do jornal Folha de S. Paulo cuja temática seja a queda de ex-presidente do Egito, Hosni Mubarak. Para que a análise seja feita com maior possibilidade de veredicto, analisaremos, a partir da comparação, a posse de Mubarak e



também episódios importantes para a história do Egito e com relevância no quadro mundial. A intenção é constatar em quais momentos se deu a modificação de tratamento ao Mubarak pela Folha. A hipótese levantada é a de que, no episódio mais recente, no qual Mubarak renunciou ao cargo, o ex-presidente era tratado como ditador, em contrapartida ao tratamento de quando ele tomou posse, no qual era chamado de presidente.

Segundo Perseu Abramo, os motivos que levam a empresa jornalística a manipular as informações e distorcer a realidade vão além do campo econômico. A intenção principal é a busca pelo poder. Esse seria o motor consciente do jornalista.

No Brasil, Abramo vê a dinâmica do fazer jornalístico como algo ligado à “organização do sistema de comunicação, com o tipo de propriedade e exploração desses meios e com a natureza do sistema capitalista” (2003, p.19).

A manipulação da informação causa diversos danos para a sociedade, mas, o principal deles seria a não reflexão da realidade. A imprensa reflete a realidade a partir de um espelho deformado.

“Assim, o público - a sociedade - é cotidianamente e sistematicamente colocado diante de uma realidade artificialmente criada pela imprensa e que se contradiz, se contrapõem e frequentemente se superpõe e domina a realidade real que ele vive e conhece”. (ABRAMO, 2003, p.22)

Compreende-se, então, que a manipulação está no modo de fazer jornalístico.

Os estudos de Perseu Abramo levaram à constatação de quatro padrões de manipulação da imprensa.

São eles: Padrão de ocultação, Padrão de fragmentação, Padrão da inversão, Padrão de indução e Padrão global ou padrão específico de jornalismo de televisão e rádio.

Padrão de ocultação está ligado ao que chamamos de fato jornalístico. Perseu Abramo diz que a escolha de quais fatos são jornalísticos reside no observador e na relação que ele tem com o objeto factual. Tal subjetividade inviabiliza a construção de uma realidade verdadeira. A produção de uma realidade a partir da escolha do que é fato jornalístico transforma o mesmo em fato real. Desta forma, a realidade é construída baseada e escolhas subjetivas.

No Padrão de fragmentação os fatos são apresentados isoladamente. A ligação com outros casos pertinentes não é realizada na construção do material jornalístico. O fato é desligado de seus antecedentes e de suas possíveis conseqüências. Com o fato



decomposto, se reconstrói a realidade com a manutenção ou a eliminação de informações.

A troca da ordem das informações ou a substituição de uma informação pela outra é o que Perseu chama de Padrão de inversão. Nesse caso, o material jornalístico é construído a partir do reordenamento das partes. Podem-se inverter as versões do fato, a relevância das informações, os conteúdos existentes e a troca da informação pela opinião.

Padrão de indução é a utilização da distorção da realidade para induzir o espectador a acreditar em uma realidade produzida, inventada artificialmente. Este padrão é importante para compreender com a mudança da exposição da figura de Hosni Mubarak na Folha de S. Paulo desde sua posse até a instauração da crise do Egito.

“A indução a enxergar a outra realidade – diferente e até oposta à realidade real – é o fruto da manipulação do conjunto dos meios de comunicação, em que cada qual, individualmente, têm a sua parte, e em que evidentemente a parte preponderante e de maior responsabilidade deve ser atribuída aos maiores meios de comunicação, isto é, aos mais poderosos aos que têm maior tiragem e audiência, aos que têm e que ocupam maiores espaços, aos que veiculam mais publicidade. Em outras palavras, aos melhores”. (ABRAMO, 2003,p.32)

Por exemplo, na Guerra do Golfo, segundo José Arbex Jr. (1996), a mídia suprimiu a figura do Iraque e a representou, apenas, por meio de pontos de vista culturais e exóticos.

“A coalisão de forças liderada pelos Estados Unidos era, frequentemente, descrita como “ocidental” (ainda que dela participassem Estados árabes, como a Síria e a Arábia Saudita), em oposição ao lado do inimigo, que, logicamente – embora ninguém afirmasse isso com todas as letras - , só podia ser “oriental”. (ARBEX, 1966, p. 95)

Tal posicionamento é discutido, de forma mais abrangente, pelo historiador Edward Said (2003). O autor vê o orientalismo, que é uma visão ocidental, como uma maneira histórica em que o Oriente coloca-se primeiramente como um conceito ocidental.

Não se deve supor que a estrutura do Orientalismo não passa de uma estrutura de mentiras ou de mitos que simplesmente se dissipariam ao vento se a verdade a seu respeito fosse contada. Eu mesmo acredito que o Orientalismo é mais particularmente valioso como um sinal do poder europeu-atlântico sobre o Oriente do que como um discurso verídico sobre o Oriente. (...) O Orientalismo, portanto, não é uma visionária fantasia



européia sobre o Oriente,mas um corpo elaborado de teoria e prática em que, por muitas gerações, tem se feito considerável investimento material (SAID, 2003, p. 33)

A televisão e o rádio estão incluídos no Padrão global, que a partir da reunião de três fatores, compõe um espetáculo midiático. O primeiro é a exposição do fato, após isso, o veículo dá voz à fala da sociedade e, finalmente, a autoridade fala e anuncia as providências que serão tomadas sobre o caso. O desfecho é a autoridade eliminando o mal e promovendo o bem à sociedade.

Para distanciar-se da manipulação de informação, Perseu Abramo propõe a busca pela objetividade. O campo da objetividade é repleto de discussões acerca de sua diferenciação com subjetividade. Sylvia Moretzsohn discute o tema em sua pesquisa sobre os processos jornalísticos.

“ (...) a discussão sobre a objetividade no jornalismo não costuma dar conta do processo como um todo, sem o qual a notícia não se realiza: quando se fala em objetividade, tem-se em mente apenas o texto, ignorando-se não apenas o processo de seleção das informações ali contidas mas o fato de que um jornal é um conjunto de elementos verbais e não-verbais que interagem para a produção de sentido. Assim, nada se diz sobre a “objetividade” de fotos e ilustrações, muito menos da edição. Ressalte-se que essas observações dizem respeito apenas ao jornalismo impresso, pois quando se considera o noticiário de rádio e TV é inevitável levar em conta os recursos e efeitos sonoros, a entonação de repórteres e locutores e, no caso da televisão, também gestos e expressão facial”. (MORETZSOHN, p. 3)<sup>6</sup>

Para Perseu Abramo, objetividade e subjetividade se distanciam por uma linha gradativa. Neste conceito, a objetividade sempre terá elementos da subjetividade e a recíproca é verdadeira.

### **Análise da posse de Mubarak**

A partir dos padrões apresentados por Perseu Abramo, analisaremos como o jornal Folha de S. Paulo tratou a figura de Hosni Mubarak, ex-presidente do Egito, desde sua posse até renunciar ao cargo.

A história de Mubarak como presidente do Egito começou após a morte de Anuar El Sadat, morto em um atentado. Nesta condição Mubarak, que na época era vice, foi eleito como presidente do Egito. Desde então ele seguiu governando o país, passando

---

<sup>6</sup> Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/moretzsohn-sylvia-profissionalismo-jornalismo.pdf>. Acesso em 1º de abril de 2011.



por momentos polêmicos, até entrar na crise que culminou com a sua renúncia ao cargo de presidente do Egito em 11 de fevereiro de 2011.

Em outubro de 1981, quando Sadat sofreu o atentado, a Folha de S. Paulo anunciava a eleição de Hosni Mubarak como certa. Em 06 de outubro de 1981, Anuar El Sadat morreu e no dia seguinte a folha destinou boa parte do caderno internacional para a cobertura do fato. No texto, é afirmado por muitas vezes, que a eleição de Mubarak é certa e trata o regime do Egito como legítimo, sem acusações. Nessa antecipação de informação está presente o padrão inversão para gerir uma realidade artificial. Isso é evidenciado nas reportagens dos dias subsequentes, quando eles noticiam as movimentações do parlamento egípcio para a realização de novo presidente que, seguramente, será Mubarak. Outra informação recorrente nesse período pós morte de Sadat é a fala dos EUA que ameaçam qualquer nação, especialmente as soviéticas, que interferira na restauração do governo no Egito e a reiteração da fala de Mubarak em relação ao seu posicionamento sobre o processo de paz com Israel e a política expansionista soviética.

Em contrapartida, os EUA enviam armas para o Sudão e Egito a fim de se prevenir da ação das nações soviéticas. A Folha não interpretou o todo da forma certa e não lembrou o leitor das tensões vividas por EUA e União Soviética. Situação que, daria ao ato de enviar armas para estes países, outra conotação. Nesse caso a atitude do jornal se enquadra no Padrão de Ocultamento, pois a Folha opta por não fazer uma suíte da situação entre os países.

O acúmulo de funções que Mubarak tem (presidente, primeiro-ministro, comandante supremo das Forças Armadas e secretário Geral) não é noticiado com julgamentos negativos pela Folha.

### **Episódios relevantes durante o governo**

No ano de 1995 (quando o Hosni Mubarak sofreu um atentado) e em outubro de 2000 (quando o Egito é a sede da reunião da cúpula Israel-Palestina), Mubarak é citado como presidente do Egito, sem menções à qualquer medida ditatorial.

Em 2008, o Egito sofreu com o aumento dos preços dos alimentos básicos e com isso aconteceram manifestações e greves. O jornal traz as medidas que Mubarak está efetuando para conter a crise. Ele é mencionado como presidente do Egito.



O jornal cita Mubarak como ditador, pela primeira vez, em maio de 2005 (antes, Mubarak é chamado de ditador em março de 2005, pelo entrevistado Natan Sharansky). Curiosamente, o jornal volta a chamá-lo de presidente e Mubarak tem sua última apresentação como representante democrático no dia 30 de dezembro de 2009. A Folha vai construindo e desconstruindo a realidade conforme seu interesse.

### **Período pré-queda**

A primeira matéria publicada sobre as manifestações no Egito sai no dia 26 de janeiro de 2011. A reportagem apresenta os protestos que aconteceram nas cidades do Cairo e Suez, angariando cerca de 30 mil pessoas. O jornal chama Mubarak de ditador na manchete. A Folha, ainda, traz uma análise dos acontecimentos publicada por Simon Tisdal no *The Guardian* que ofende a Irmandade Muçulmana de “idiota fundamentalista islâmica”. O principal padrão encontrado nessa edição é o da indução, já que, o jornal traz a análise de Simon Tisdal que além de insultar a Irmandade Muçulmana, ainda cria um alarme do que pode acontecer com a queda de Mubarak e a possível ascensão de um líder desvinculado aos Estados Unidos.

Nos dias que se seguem, as reportagens são todas mostrando a insatisfação da população egípcia que se torna cada vez mais presente nas ruas do país. Por sua vez, Mubarak começa a utilizar medidas para conseguir se manter no poder. Ele aumenta a repressão policial, e isso é o principal fato documentado em fotos. Com o passar dos dias, os representantes dos Estados Unidos vão mudando sua posição quanto ao governante do Egito. Inicialmente, os EUA estavam apoiando Mubarak, com o aumento das manifestações e apoio vindo de várias partes do mundo, a Casa Branca começa a mudar sua atitude em relação ao líder egípcio.

No dia 31 de janeiro deste ano, os Estados Unidos retiram o apoio a Mubarak que perde seu maior aliado. A secretária de estado norte-americana, Hillary Clinton, pede uma “transição ordenada” de poder. Os Estados Unidos não utilizaram, explicitamente, a palavra ditadura para se referir ao governo de Mubarak, mas a Folha ilustra em sua capa “EUA pedem fim da ditadura no Egito”. Isso mostra, novamente, o padrão de indução utilizado pelo jornal. O veículo interpreta uma ação dos EUA e reporta de um jeito mais agressivo.

Com mais de um milhão de manifestantes nas ruas egípcias, Mubarak promete sair e diz que ficará somente até as eleições presidenciais. Dias depois, começam os



conflitos entre grupos pró Mubarak e anti Mubarak. A Folha se posiciona a favor dos manifestantes anti Mubarak, dividindo os dois grupos em Bem (anti Mubarak) e Mal (pró Mubarak). Todas as matérias apresentam esse valor. A manchete do dia três de fevereiro traz “Grupos pró-ditador atacam multidão”, mostrando um único posicionamento.

Os simpatizantes de Mubarak começam a reprimir jornalistas alguns dias antes da véspera de mais uma manifestação. A Folha foca bastante nesse caso, principalmente, por ter repórteres que sofreram com essa represália. Inicialmente, o jornal expõe que os agressores são do grupo pró Mubarak, mas nas edições que seguem o periódico já coloca o “regime” de Mubarak como responsável pelos acontecimentos.

Desde o início o jornal define a existência de um eixo do Bem e um eixo do Mal no Egito. Os manifestantes que estão a favor de Mubarak são apontados como violentos. A Folha conseguiu entrevistar alguns manifestantes pró Mubarak e expõe de um jeito que deixa parecer que todos os egípcios que apóiam o governante são violentos contra a imprensa e o jornal encontrou poucos que não estão atacando os jornalistas.

Os EUA são apresentados como os que irão salvar o Egito do caos total. O jornal apresenta o país que antes apoiava o governante como o elemento chave para que a transição ocorra e a paz volte a reinar. Em nenhum momento são criticados por apoiarem Mubarak até os últimos momentos.

Nas últimas edições antes da queda de Mubarak, a Folha mostra as tentativas do governante de fazer modificações e concessões para poder ficar mais tempo no poder. O jornal dá voz aos manifestantes mostrando mais uma vez seu lado. O medo de um golpe é expresso por Omar Suleiman um dia antes da renúncia de Mubarak. E a todo o momento o periódico recapitula o histórico do governante.

### **Período pós-queda**

No dia 11 de fevereiro deste ano, data da renúncia de Mubarak, a Folha publicou na capa a insatisfação do povo egípcio em relação a não renúncia do presidente. Esta edição foi rodada antes do anúncio da renúncia e evidenciava a insatisfação dos manifestantes. A folha trata Mubarak como ditador e busca dar voz as opiniões dos EUA. O jornal noticia, nesta edição, as críticas recebidas pela CIA, que previu a renúncia para o dia 10. Nesse caso, podemos encontrar padrões de ocultamento pela





forma como a Folha dá espaço e evidencia a fala americana, que prevê e ‘exige’ a saída do ditador, como é chamado, egípcio.

Na edição que noticia a queda de Mubarak, em 12 de fevereiro de 2011, a Folha trata todo o período do governo de Hosni Mubarak como ditadura. A partir do padrão de fragmentação, que apresenta somente a última fase do governo, a Folha tenta generalizar e homogeneizar a figura do ditador, para dar coesão ao seu discurso, sem considerar o tratamento dado a Mubarak quando tomou posse como presidente do Egito.

Além disso, nesta mesma edição, o jornal publica matérias que mostram as opiniões sobre a renúncia de Mubarak de Brasil e EUA. Tal ação pretende abalizar e conferir certa imparcialidade ao jornal, já que desta forma ele estaria mostrando as principais opiniões ao leitor brasileiro: a do próprio país e a do Império Americano.

No dia 15 de fevereiro a Folha busca produzir uma realidade na qual mostra a atualidade da crise. Ela encomenda matérias como a que mostra a opinião da burguesia egípcia sobre a crise e também sobre a exclusividade da informação obtida pela Folha sobre os nomes que formam a comissão que conduzirá a transição de governo no Egito. Entretanto, é na publicação de uma matéria do Financial Times que o tom duro da Folha se destaca. No artigo, o repórter se mostra bastante crítico sobre o efeito dominó conduzido pela revolução na Tunísia e depois pela crise no Egito. O jornalista David Gardner usa expressões como “Os insurgentes não só removeram Mubarak” e também “recorrendo a subornos e cassetes, como fazia Mubarak” para se referir aos manifestantes e ao exército, respectivamente. Fragmentando informações, mais uma vez a Folha tenta induzir o leitor a acreditar nesta realidade construída pela representação Poetizando a renúncia de Mubarak, no dia 19 de fevereiro, a Folha publica uma reportagem sobre a liberdade de imprensa no Egito e fala em “primavera da liberdade” e “sinal de novos tempos”. A adjetivação é uma premissa para o enquadramento da matéria no padrão de inversão, no qual o jornal inverte a informação pela opinião.

Para generalizar uma informação a Folha utiliza o recurso de determinar que certas informações e condições são mais pertinentes, em detrimento de outras.

A fim de creditar as acusações de chamarem Mubarak de ditador, a Folha publica, em 24 de fevereiro, que o ex-presidente do Egito e Ben Ali (ex-presidente da Tunísia), apesar de lutarem contra fundamentalistas islâmicos, não os erradicavam para perpetuar o “medo no Ocidente”. O jornal o faz, porém, usando a expressão “grupos religiosos” para representar os fundamentalistas islâmicos. O recurso de metonímia



induz o leitor a crer na figura do mundo árabe como algo homogêneo e fundamentalista islâmico.

### **Considerações Finais**

A forma como a Folha de S. Paulo constrói a realidade é coerente com os padrões levantados pelo jornalista Perseu Abramo. Percebemos também que a Folha constrói um discurso, que denomina-se isento, para dar cunho verdadeiro à realidade que ela mesma produz. A carga ideológica presente no discurso passa despercebida quando se lê a matéria somente na época em que é publicada. Entretanto, a partir do levantamento feito, pudemos verificar que o discurso em relação ao ex-presidente Hosni Mubarak sofreu alterações.

Tais mudanças podem estar relacionadas à questões econômicas mas, principalmente, à questões políticas. A linha editorial, em relação ao tratamento dado à Mubarak, sofreu distorção no percurso de 1981 até 2011. Se no início do governo ex-presidente do Egito era tratado como ‘presidente’ (lembrando que sua eleição foi prevista pela Folha em diversos momentos), no final o discurso era somente em torno da figura ditatorial de Mubarak. Antes mesmo da instauração da crise que provocou a renúncia.

O ano de 2009 foi a última vez que Hosni Mubarak foi citado como presidente. Desde então, ele aparece nas páginas da Veja como ditador. Nesse período a Folha conseguiu fragmentar as novas informações e ocultar as anteriores para induzir o atual leitor a acreditar que, de fato, Mubarak sempre foi conotado como ditador. Essa distorção da realidade é imperceptível para o leitor diário. A velocidade das informações causa amnésia quase que instantânea já que, a maioria dos leitores dos jornais impresso também se informa pela internet, onde informações têm alta rotatividade.

### **Referências**

ARBEX JUNIOR, Arbex. **Islã: um enigma de nossa época**. São Paulo: Ed. Moderna, 1996.

ABRAMO, Perseu. **Padrões de Manipulação da Grande Imprensa**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2003.



MORETZONHN, Sylvia. “Profissionalismo” e “objetividade”: o jornalismo na ontramão da política. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/moretzsohn-sylvia-profissionalismo-jornalismo.pdf>>. Acesso em 2 de abril de 2011.

SAID, E. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.